

A GRUTA DE MAQUINÉ E SEUS ARREDORES

II

A PARTE SUDOESTE DA PLANTA DOS ARREDORES DA GRUTA

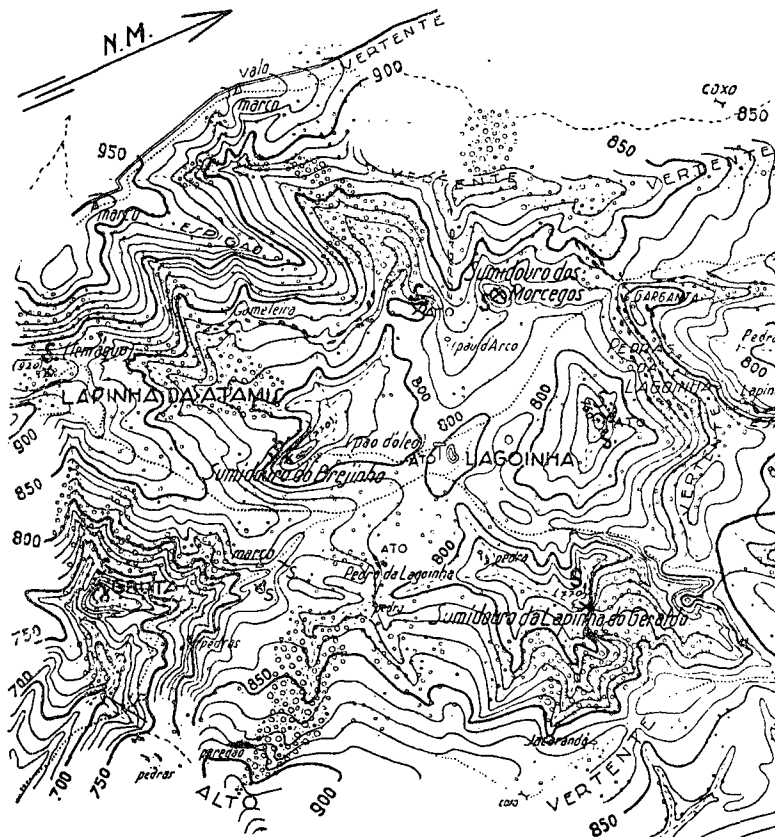
A sub-bacia da Lagoinha, suas vertentes, Lapinhas, Sumidouros e mais lugares interessantes

Afonso de Guaiira Heberle

Do Departamento Estadual de Estatística
do Estado de Minas Gerais

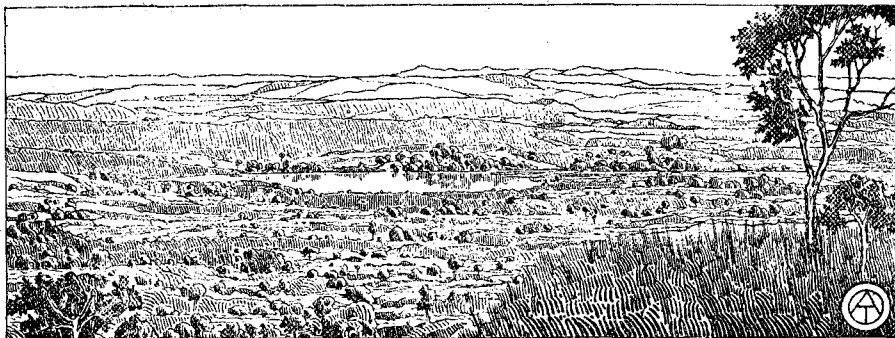
ASPECTOS DA SUB-BACIA DA LAGOINHA

Esta bacia, já exposta de acôrdo com a divisão fisiográfica geral de nossa planta em número anterior desta Revista, abrange duas metades que ficam à direita e à esquerda do seguinte eixo: *Pedra da Lagoinha* (1) — *Lagoinha* — *Espigão do Sumidouro dos Morcegos*. A denominação da bacia provém da insignificante lagoinha, situada



Sub-bacia da Lagoinha, dividida pelo eixo Pedra da Lagoinha-Lagoinha-Sumidouro dos Morcegos.

em sua parte central sôbre o eixo citado e na altitude de 800 metros, porém acima dos principais sumidouros em redor. De modo que, dentro de uma bacia geral e bipartida, existem outras bacias menores de maior ou menor diâmetro. Conforme a estação do ano, a água sempre turva do pequeno lago, próximo de um cocho de sal e frondosas árvores, aumenta ou diminui, secando às vês de todo em fins de Julho. As margens são muito rasas e notamos nas proximidades dois modestos montículos. Apesar de ser esta água lamacenta ou de todo ausente, é sempre o lugar predileto de numerosas e pacíficas manadas que tem o recurso de um outro bebedouro, até melhor, no próximo *Sumidouro do Brejinho*, pois neste sítio a água é limpa.



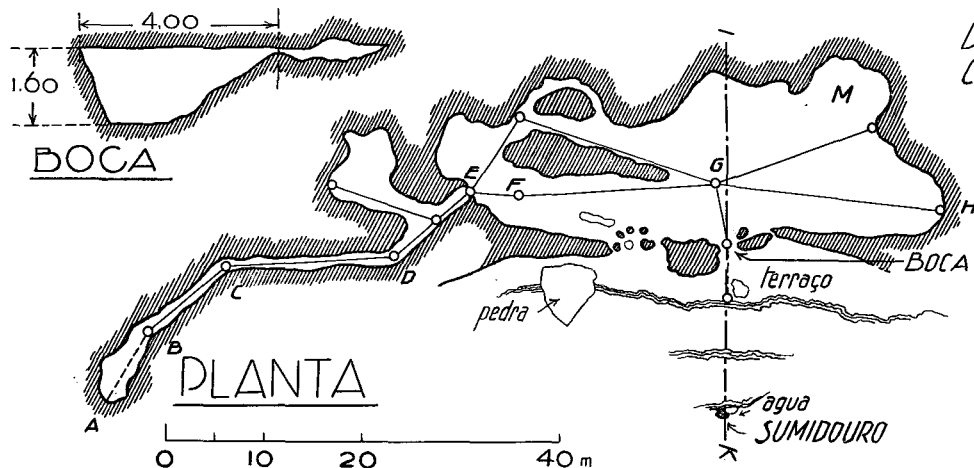
A Lagoa da Pedra. Vista apanhada do Alto do Sobrado, ao norte da Gruta do Maquiné. Aspecto da vasta planície que comunica com o ponto menos elevado da vertente do córrego Cuba, em vivo contraste com os aspectos acidentados e pitorescamente movimentados do exterior e interior da bacia deste córrego. Aparece aí a região norte da Gruta do Maquiné até seu limite pelo horizonte. O citado ponto menos elevado da vertente circular fica ao lado esquerdo do observador e parece estar, em altitude, pouco acima da entrada da Gruta do Maquiné (Alt. 902 m). Todas as descidas do Alto do Sobrado são abruptas e, em parte, notáveis por belos grupos de pedras, paredões e velhas árvores.

Das numerosas grotas de todo feitio e de particularidades, por assim dizer “individuais”, desta bacia, a mais comprida é a da *Lapinha da Atamis*, nascendo ao lado sudoeste da *Lagoinha*, distando desta 1.300 metros em linha reta, e em altitude de cerca de 920 metros. O comprimento da bacia é de cerca de 2.150 metros e sua largura de 1.600 metros, aproximadamente.

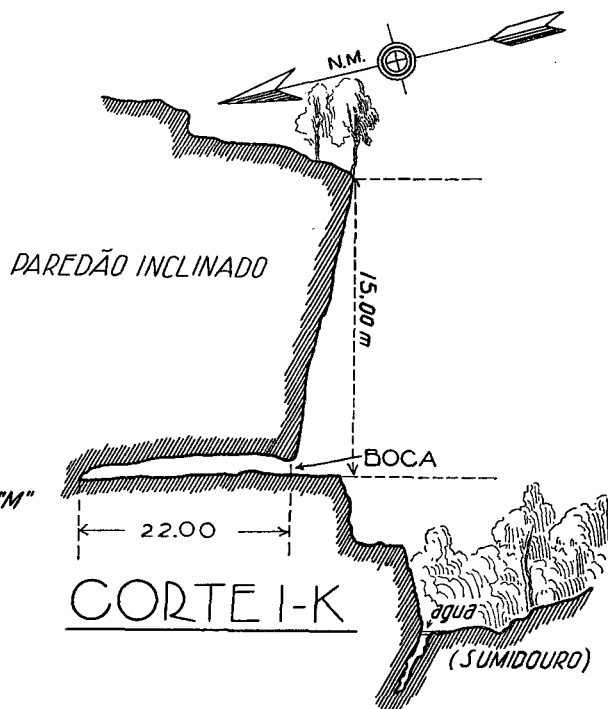
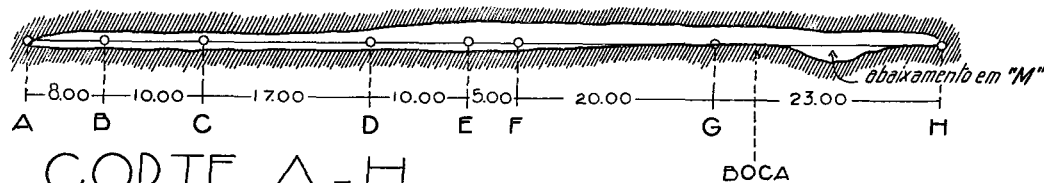
LAPINHA DA ATAMÍS

Distante em linha reta 1.900 metros da *Gruta do Maquiné* e 900 metros em linha reta da *Lagoinha*, esta gruta é a terceira, em tamanho, nas imediações da grande gruta-rainha. Tem feitio de uma lapa reentrante, ao longo de um grande paredão arcado sôbre um estreito terraço, ao qual, pouco mais em baixo, se segue outro até atingir o fundo do sumidouro deste sítio, em solidão completa. Tudo aqui em redor tem um ar de natureza jamais violada, milagrosamente escapada ao fogo devastador e ao machado impiedoso do sertanejo. Uma majestosa serenidade reina neste bosque profundo e silencioso, cujo solo virgem e cujos rochedos altivos desde séculos são beijados por trêmulas manchas de sol.

◦ L A P I N H A D A A T A M I S ◦



Distância em recta da Gruta do Maquiné 1.900 m
Comprimento total 93 m



(RECONHECIMENTO TOPOGRº DE 27.6.1940)



O sumidouro, rente à base úmida do gigantesco rochedo sôbre o qual pende a ramagem saudosa em altura considerável, mostra uma fenda estreita e sêca insinuando-se por baixo das colossais massas calcáreas, revestidas de opulenta vegetação. Todavia, ao lado da fenda existe uma pequena bacia com água perfeitamente clara e do gôsto normal de tôdas as águas que brotam de nascentes entre pedras. Em região tão erma e desprovida de água corrente, até nas grotas mais profundas com capões, esta circunstância é de importância para o excursionista e visitante da *Lapinha*. Razão também porque esta pequenina bacia d'água está registrada em nossa planta.

Topograficamente estamos em um sumidouro dentro de uma profunda gruta, desviada um tanto para o lado do grande paredão de pedra, afastada do álveo normal, formando uma repentina depressão lateral dentro da própria gruta, cujo álveo, ainda mesmo margeando a mencionada depressão, *sobe* logo depois *em direção da vazante*...

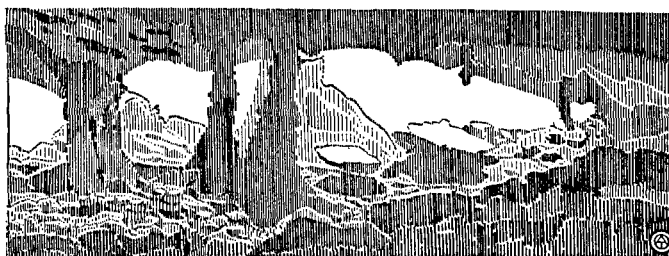
Observaremos, mais adiante, um caso idêntico a 500 metros distante da *Lapinha da Atamis*. Também aqui as águas das enxurradas parecem ser absorvidas com bastante rapidez, pois não existe sinal de retenção de águas ou formação de lagoa durante as enchentes.

A altura do paredão calcáreo é de 15 metros a prumo; o comprimento, de 93 metros e a reentrância horizontal, de 22 metros. A entrada sôbre o pequeno terraço (de 5 metros de largura) é baixa (1,60 metros), como também é baixo o teto em tôda a extensão do interior, de côr cinzento-escura, de granulação regular, fragmentação rara e levemente inclinado para os fundos laterais, indicando assim, ao mesmo tempo, a inclinação das camadas da rocha sôbre a horizontal.

Esbocei dois aspectos parciais desta lapinha, um dos quais representa uma parte do exterior e, o outro, do interior. O primeiro foi tirado no terraço de pedra da entrada. Mostra, no primeiro plano, uma concreção calcárea grosseira e disforme semelhante a um cupim, formando uma espécie de pilastra unida em sua parte superior ao paredão. O desenho permite distinguir a "salinha das bonecas" com sua mesinha de pedra, banquinho e pequenas colunas naturais.

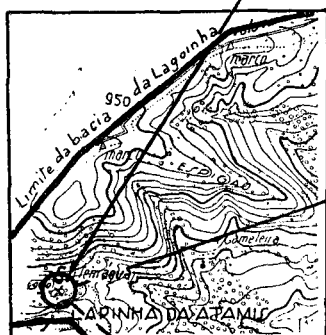
O outro desenho dá uma idéia do interior da primeira câmara da gruta, mostrando ao mesmo tempo a salinha retrocitada do lado oposto. O acesso da lapinha não oferece dificuldades. Existe um bom trilho desde a *Lagoinha*, subindo pela vertente do *Sumidouro do Brejinho* (então do lado direito). A apreciação do imponente conjunto da *Lapinha* entretanto é dificultada pelo arvoredado demasiado denso.

A primeira câmara, ainda em agradável penumbra, disposição pitoresca e aprazível, tem algo de convidativo para descanso oportuno ou meditação em contacto íntimo com a natureza e longe da turba humana. Por outro lado, as trêmulas manchas de sol, talvez nesta hora beijando a tósca mesinha de pedra da "salinha das bonecas", suavizam por sua nota risonha o grave aspecto da comprida caverna, com seu teto de colossal espessura.



LAPINHA DA ATAMIS (aspecto interior)

— 27 de Junho de 1940.



LAPINHA DA ATAMIS. Aspecto do paredão inclinado.

— 28 de Junho de 1940.



LAPINHA DA ATAMIS (aspecto exterior).

— 27 de Junho de 1940.

O solo ostenta inúmeros fragmentos de pedra, disseminados na maior desordem até os últimos recantos e já bastante escuros. A maior altura do teto é de 1,80 metros diminuindo porém em muitos lugares. A largura é de 22 metros e o comprimento, ao longo do enorme paredão, de 58 metros.

Ao lado sudeste existe uma reentrância mais profunda, acusando algum declive para os fundos do paredão e representando a parte de maior abaixamento do solo. Neste recanto encontra-se uma prateleira de pedra, como que feita a propósito para guardar objetos. A "salinha das bonecas" fica ao lado esquerdo da baixa entrada (1,40 metros de altura) e que tem graça por suas minúsculas colunas naturais e sua diminuta altura de 1,30 metros somente. A mesinha e o banquinho foram lá improvisados em 18 de Junho de 1940, durante a minha segunda visita e dia de mais pormenorizado reconhecimento da *Lapinha*.

O lado esquerdo ou N-E da primeira câmara contém duas massas distintas e compactas que atingem o teto, ainda sempre baixo e uniforme. A mais larga e comprida destas massas, com 17 metros de comprimento e cerca de 5 de espessura máxima, divide esta parte em galerias, sendo a mais estreita completamente escura, no lugar onde aparece a segunda massa, de cerca de 6 metros de comprimento por 3 de espessura.

A segunda parte da *Lapinha*, de 45 metros de comprimento, consiste unicamente em um estreito corredor e uma pequena câmara, tudo em escuridão absoluta. A 25 metros distante da boca da entrada, à esquerda ou lado N-E, deparámo-nos com uma abertura de 1,50 metros, marcada por dois curiosos "narigões" estendidos lateralmente. Entramos em um corredor que, com poucos metros de percurso, se alarga pela direita. Este lado comunica com uma câmara que não passa de 10 metros de comprimento por 8 de largura, onde achamos uma espécie de mesa cuja superfície revela curiosos arabescos. Trata-se de uma forma rara de concreções em relêvo. Voltando ao corredor, cujo perfil transversal é semelhante a um círculo levemente deformado, temos impressão de caminhar em um túnel de paredes muito bem lavadas, túnel cavado confortavelmente por arte humana, muito seguro e bem conservado por alguma entidade invisível da agradável *Lapinha*. A largura é de pouco mais de 1 metro e acaba em um saco de largura máxima de 3,50 metros.

A largura entre os dois narigões, (também a entrada do corredor) é de 2,80 metros e, a maior altura de toda a *Lapinha*, é de 3 metros.

O SUMIDOURO DO BREJINHO

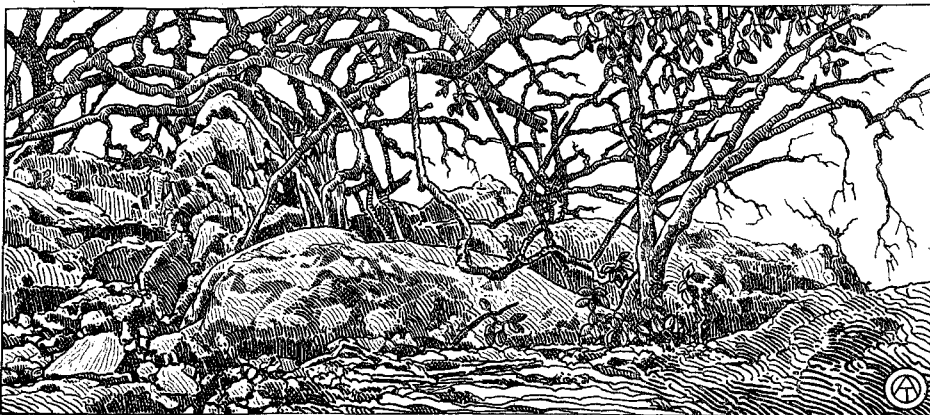
Este sumidouro está situado ao lado S-O da *Lagoinha* e distante desta 350 metros (em linha reta) ao pé de um paredão de pedra de pouca altura com cerca de 20 metros de extensão, próximo de um brejinho cuja água limpa se despeja em um único e fraco filete por uma insignificante fenda. À esquerda do paredão calcáreo (com algumas

grosseiras e disformes concreções) existe um capão na encosta da vertente.

A 350 metros ao sul da *Lagoinha* (altura 800 metros) e a cerca de 820 metros de altitude começa uma profunda gruta em direção à planície do *Ribeirão Onça* (nos lados da fazenda do mesmo nome), começando a partir do ponto menos elevado de toda a vertente circular da referida bacia. Seria pois aqui o ponto mais favorável para uma saída das águas em condições fisiográficas normais.

O *Sumidouro do Brejinho*, a cerca de 30 metros abaixo do nível da *Lagoinha*, é o único sumidouro "raso", assim determinado por todo o comprimento e largura do próprio nível do brejinho. Como também é o único sumidouro com água corrente durante todo o ano, conforme observação já feita em página anterior.

No começo da gruta que desce para o vale do *Ribeirão Onça* existem dois sumidouros insignificantes, não passando de simples cavas de pouca profundidade, como que produzidas pela impressão do polegar de um gigante prehistórico, situadas nas proximidades de um marco antigo (de madeira) onde um trilho liga a bacia da *Lagoinha* às terras da fazenda do *Ribeirão Onça*. Tirei uma vista a lapis da parte central de um destes sumidouros, mostrando fragmentos de rocha em desordem e parte da vegetação, realçada pitorescamente por cipós emaranhados e arqueados sobre uma comprida pedra, em que está riscado com cristal o sinal "ATO".



Sumidouro, não passando de simples cava de pouca profundidade.

Imediatamente atrás destas pedras na cavidade do terreno e dentro de um minúsculo capão com deliciosa sombra, sobe (a partir do ponto de mínima altura do percurso circular da bacia) outra parte da vertente em direção a um alto de campo.

Nesta subida a vertente acompanha a direção de um comprido capão ao lado esquerdo, encontrando mais em cima um paredão de pedra. A começar do ponto mais elevado do alto de campo citado, a

vertente circular desce lentamente entre o *Sumidouro da Lapinha do Geraldo* e os *Monjolos*, até atingir a estrada de automóvel entre Cor-disburgo e a *Gruta do Maquiné* na vertente geral da extensa bacia do *Córrego Cuba*.

O SUMIDOURO DOS MORCEGOS

Está situado em linha reta a 300 metros ao lado N-O da *Lagoinha* e, ao lado S-E da boca da *Gruta do Maquiné*, a 980 metros. É do tipo "funil", de cerca de 20 metros de profundidade por mais ou menos 80 de diâmetro. No fundo encontra-se um minúsculo capão em cuja parte central deparamos com uma abertura estreita e oblonga em solo rochoso, coberto de humus.

Trata-se de um poço vertical de 12 metros de profundidade, alargado em baixo e formando uma pequena câmara com alguma água em uma cavidade da rocha. Daqui desce lateral e obliquamente, por mais alguns metros, uma fenda um tanto perigosa. Este poço é povoado de morcegos, cujo chiado e esvoaçar vivíssimo sugere a idéia de achar-se lá em baixo uma imensa caverna. Sondei o buraco com o fio a prumo; achei 12 metros de profundidade. Amarrado num laço, aceso o "gasômetro" e tomadas algumas precauções, um camarada desceu vagarosamente ao fundo tenebroso. Nada de importante achou lá em baixo. E assim, em vez de caverna, descobrimos um belo lôgro acústico. Mesmo assim, talvez seja êsse poço interessante, pois percebíamos todos, distintamente, os ecos que se seguiam aos chiados; e todo o abismo vibrava de sons tumultuosos. Nem um único morcego procurava escapar pela abertura do poço.

Com a aproximação lenta de um ente humano os chiados emudeceram como que por encanto. Sem dúvida os irrequietos voadores já se tinham refugiado em suas fendas prediletas. Por outro lado, estava admirado de nunca ter encontrado morcegos em qualquer outra gruta, lapinha ou caverna da redondeza.

As enxurradas passam para o poço lateralmente (de S-O para N-E) a princípio, por um rasgão repentino mas, logo depois, por baixo de grandes pedras e percorrendo um estreito canal horizontal. Subindo pelas íngremes paredes do funil para seus bordos circulares encontramos, a 50 metros de distância, uma outra abertura rochosa de 3,50 metros de profundidade. E como aquele dia já tinha sido assinalado por bichos subterrâneos, lá em baixo estava enrolada uma enorme jararacuçu. Mataram-na os camaradas a pedradas. Foi a única encontrada durante um mês de incessantes trabalhos de campo, num raio de três quilômetros em redor da *Gruta do Maquiné*. Mas seria, sem dúvida, engano inferir dêste fato isolado, conclusões demasiado otimistas.

Quanto à denominação dada ao presente sumidouro, creio que será definitiva.

Somente separado pelo espigão ao lado S-O do *Sumidouro dos Morcegos* e distante cêrca de 180 metros em linha reta, está um outro sumidouro ao pé de um pequeno paredão. Também aqui notamos as insignificantes fendas de sempre, por onde se infiltram as águas das enchentes. É pouco profundo, do tipo "sumidouro em percurso de grota" e colocado na saída de uma estreita e profunda grota (próximo de um denso capão), saída que conduz logo depois para a larga bacia de outro sumidouro: o do *Brejinho*.

Ao lado da nascente do *Sumidouro dos Morcegos* e separado pelo trilho (*Garganta-Lagoinha*) está outro, sem nome, e igualmente do tipo de bacia larga. Tem cêrca de 40 metros de profundidade, com seu sorvedouro ao pé de um pequeno paredão, forte encosta para o norte com muitas grandes pedras. A sua bacia, contada pela curva circular de nível de 800 metros, é de mais ou menos 350 metros de comprimento por igual largura.

Resta ainda um único sumidouro na sub-bacia do *Córrego Cuba*: o da *Lapinha do Geraldo*.

O SUMIDOURO DA LAPINHA DO GERALDO

No alto da vertente que separa a *Gruta do Maquiné* de Cordisburgo e no ponto onde a estrada de automóvel desce para a gruta, segue ao lado esquerdo e dirigido para o sul, um trilho bem frequentado que conduz à *Lagoinha*. Este trilho, sempre descendo, acompanha uma profunda grota que fica à esquerda e margeada ao lado oposto por um extenso capão, que contorna em linhas caprichosas e irregulares considerável parte de uma encosta bastante acidentada. A bacia dêste sumidouro é recortada por um bom número de grotas de viva reentrância e parece muito maior do que é realmente em sentido mais restrito, isto é, contada a sua profundidade a partir da curva de nível circular de 800 metros, nível geral tanto das três maiores bacias da extensa sub-bacia da *Lagoinha*, como da própria *Lagoinha*, como pequeno lago (situado sôbre a linha-eixo desta sub-bacia, citada em páginas anteriores).

Quase tôdas as grotas interiores dêste sumidouro convergem diretamente para um profundo caldeirão em terreno de capoeira, porém não chegando a formar um "funil". Neste fundo, em agradável sombra, achamos um pequeno paredão de pedra com algumas entradas estreitas, que dão acesso a um insignificante sistema de minúsculas furnas. Podemos observar aqui a obra das enxurradas em grandes raízes descobertas, porções de terra arrastadas para as poucas fendas subterrâneas, a ânsia das enxurradas para cavar a base já roída do pequeno paredão de 22 metros de largura e o pouco efeito conseguido. Também aqui o rápido escoamento nas fendas subterrâneas impede às águas em eventual movimento de redomoinho, uma ação mais enérgica contra a base roída e reentrante da rocha calcárea.

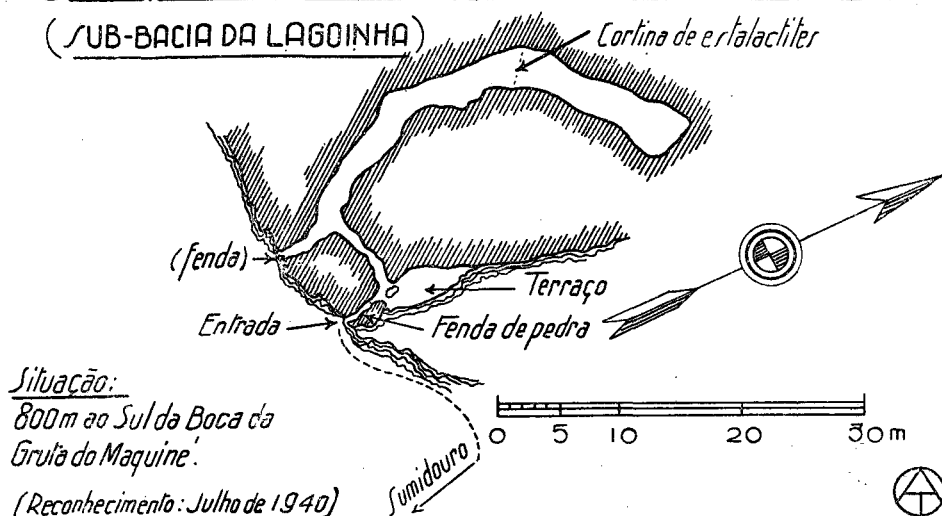
Uma grande árvore tripartida com o sinal "ATO" assinala o fundo do presente sumidouro. Subindo um pouco pela encosta do mato ao lado do pequeno paredão, chegamos a um outro paredão calcáreo muito mais alto. Tem de 35 a 40 metros de altura. Tão alterosa rocha no meio de denso arvoredado lembra um tanto alguma fortaleza ou castelo encantado de floresta.

Subindo agora pela margem onde o paredão se assenta, qual severo vigia de pedra nesta parte do extenso capão, defrontamos uma estreita fenda de pedra que conduz a um pequeno terraço do paredão (de 2,50 metros de largura), à entrada da *Lapinha* ou talvez, melhor, a uma diminuta abertura na rocha. Atitudes altivas, juramentos solenes de jamais dobrar a espinha ante quem quer que seja neste mundo e todos os protestos heróicos aqui de nada valem. Seriam puerís e ridículos. Tal qual como certo lugar difícil no pavimento inferior da *Gruta do Salitre*, entrávamos pois, um por um e de rastos, pelo canal estreito, muito limpo com suas paredes cinzento-escuras e granuladas.

O canal se curva logo para a esquerda entrando, com um comprimento de 7 metros somente, em um outro túnel minúsculo, que tem, com 5 metros de comprimento à esquerda, uma saída por uma fenda. Continuando para a direita, o canal, conduz às entranhas do paredão, sempre em sentido horizontal e muito baixo (menos de 1 metro de altura). A escuridão é absoluta. Na parte mais profunda existe uma cor-

CROQUI/ DA LAPINHA DO GERALDO

(SUB-BACIA DA LAGOINHA)



tina de pequenas estalactites de massa cristalina revestida por camada calcárea comum, da qual brotam, lateralmente, lindas rosetas, compostas de uma infinidade de pequenas verrugas. Estas estalactites são exatamente do mesmo tipo delicado que as observadas no canal das águas subterrâneas do pavimento superior da gruta do *Salitre* e também observadas pelo Dr. LUND no "Castelo das Fadas" da *Gruta do Maquiné*.

Esta última parte da *Lapinha* acaba em um saco de cerca de 4 metros de largura. O solo é coberto em toda a sua extensão de inúmeros fragmentos de pedra. O percurso total é de mais ou menos 40 metros. Quanto à sua estrutura interna e feitio, a *Lapinha* tem todos os característicos da *Lapinha da Atamis*, porém como que em escala reduzida e na proporção de 1 para 3, de modo que para uma criança de três anos deixaria de ser uma lapinha insignificante; seria “uma gruta de verdade” e linda.

A GARGANTA E AS VERTENTES DA SUB-BACIA DA LAGOINHA DO LADO SUL

Este lugar é um pequeno desfiladeiro entre as terras para os lados da fazenda do *Saco do Mato* e da sub-bacia da *Lagoinha* na altitude aproximada de 835 metros. Em ambos os lados da garganta notamos grupos de grandes pedras e de belas árvores, às vezes de considerável altura e majestoso porte (na vertente oriental), “barrigudas” altas, de um cinzento-claro, espalhadas sobre as íngremes encostas da extensa vertente circular.

Os altos ermos de N-O, com seus arvoredos ora mais densos, ora mais esparsos, raramente são pisados por humanos. Lançam o espigão do *Sumidouro dos Morcegos* em direção à *Lagoinha* e se estendem até sua junção com a vertente geral da bacia do *Córrego Cuba*. Encontramos lá um marco ao lado de um antigo valo divisório, no limite N-O das terras da fazenda *Saco dos Cochos*.

Acompanhando este valo, situado na altitude aproximada de 940 metros, chegamos ao ponto mais elevado em toda a nossa planta dos arredores da *Gruta do Maquiné*, com 970 metros de altitude mais ou menos. Estamos separados aqui da *Lapinha da Atamis* por uma profunda grota. A distância do sumidouro do mesmo nome não passa de 200 metros, mas a diferença de nível é de mais de 100 metros, um verdadeiro abismo, portanto. É aprazível o panorama deste ponto elevado e descampado quase por completo. Visto do lado da *Lagoinha* tem aspecto de morro altivo, dominando toda a bacia.

Contornando agora o fundo extremo da comprida grota da lapinha mencionada, em um semicírculo de cerca de 350 metros de diâmetro, atingimos o alto da mesma *Lapinha* a 920 metros de altitude. Também este alto toma aspecto de morro quando visto do lado da *Lagoinha*. Neste caso, é caracterizado pela interrupção repentina da faixa do alto arvoredo de seu cume.

Com mais 200 metros de percurso agradável e debaixo da sombra de frondosas árvores chegamos aos bordos superiores do paredão da *Lapinha da Atamis*. Está coberto de humus e árvores avulsas. O terreno aqui forma uma espécie de pequeno planalto ou largo assento com seu comprido banco de pedra sobre o paredão, convidando para descanso. Con-

tornando o paredão pelo lado norte a descida para a lapinha é fácil. Um bom trilho conduz pela vertente do *Sumidouro do Brejinho* à *Lagoinha*.

O percurso da vertente a leste da Garganta já foi descrito em página anterior.

(A leste — nascente, oriente).

A PEDRA DA LAGOINHA

Existe ao lado sul dêste sempre turvo bebedouro (perto de um velho cocho de sal) um belo exemplar de “pau de óleo” marcado pelo sinal “ATO”. Estamos em um lugar de rodeio de gado, portanto em ponto de reunião de grandes manadas, únicos habitantes dêstes recantos ermos sem casa alguma, sem retiro e nem rancho de capim.

Da árvore citada avista-se, através de um cerrado ralo, uma gameleira, cujo alvo e reluzente tronco surge de um extenso grupo de altas pedras calcáreas, cobertas de mata. É um refúgio, oferecendo agradável sombra entre belas rochas fendidas. Uma mesa baixa e rústica, formada de uma pequena laje escura sôbre fragmentos, foi erigida alí como recordação grata dos dias serenos de meus reconhecimentos topográficos, combinada a uma lembrança mais particular: havia passado uma fria e bela noite de Junho junto ao fogo, dormindo sôbre o capim recém-cortado pela solicitude de um dos camaradas.

Como de costume, finda a tarefa do dia, recapitulava as notas da caderneta de campo e isto com especial satisfação, porque a colheita do dia havia sido copiosa e desta vez “saboreada” em banco e mesa ultrarústicos. Dispondo de um cobertor de lã, de uma garrafa de água (do *Sumidouro do Brejinho*) e de outra de vinho, uma lata de sardinhas e duas rosquinhas, tudo estava preparado para uma ceia em agradabilíssimo “chambre separée”.

Um magnífico fogo dava então a nota de poesia, desenhando um estupendo quadro iluminado de chamas irrequietas e rubras, quadro movimentado e de efeito surpreendente.

Mais ou menos pela meia noite um fortíssimo estampido sacudiu as hastes delgadas do meu fofó leito de capim. Sorri somente — reconhecendo no mesmo momento a causa: uma boa lasca de alta pedra fendida que estava a meus pés havia arreventado, já negra de fumaça e conservando-se agora respeitosa e inclinada ante o sinal do “ATO” circular que eu tinha cortado no tronco de uma gameleira de longas raízes brancas, que surgiam como serpentes da base de outra grande pedra fendida...



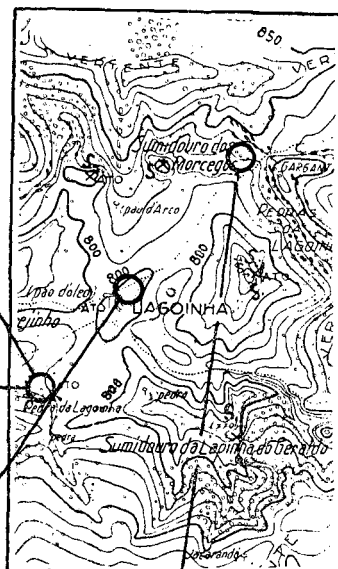
Pedra da Lagoinha — Aparece a entrada para a "mesa de pedra" — 27 de Junho de 1940



Pedra da Lagoinha — "Avista-se através de um cerrado ralo uma gameleira, cujo tronco alvo surge de atas pedras calcáreas" — 27 de Junho de 1940



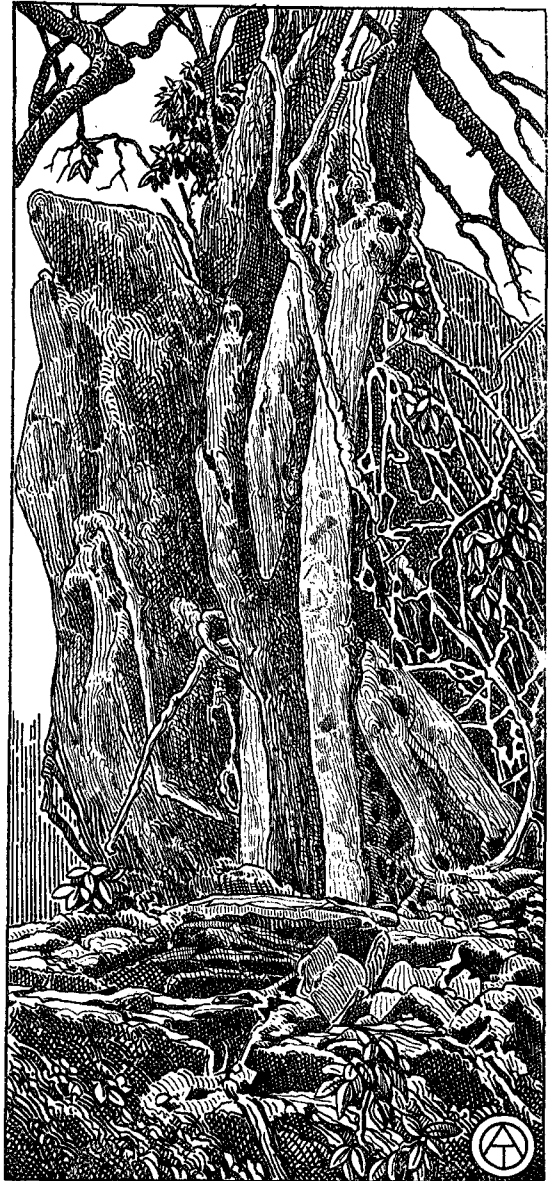
A Lagoinha, próximo da "Garganta" — Junho de 1940



A Lagoinha, vista do lado da "Garganta" — Junho de 1940

Apreciava devidamente esta atitude correta e atenciosa da negra e enfumaçada lasca, de tão intenso calor animada. As estrêlas brilhavam com sua habitual solenidade. Nem uma única nuvem havia no firmamento. Nas primeiras horas após um belíssimo crepúsculo, ouvia-se o cantar dos grilos e, ao longe, o manso e retraído coaxar de alguns sapinhos, vindo das bandas do *Sumidouro do Brejinho*. Depois da meia noite, entretanto, bastante admirado estava do silêncio pesado. Em tempos que já vão longe inúmeras noites havia passado em inhóspitos sertões do Paraná, em plena floresta. São muito conhecidos os múltiplos ruídos noturnos das selvas brasileiras, ora contínuos, ora variados e intermitentes. Mas aqui não havia o mais leve ruído. Nem uma única fôlha se movia mais. Parecia suspenso o ritmo da natureza.

E permaneceu êste silêncio solene e singular até a imperceptível brisa de mais uma bela aurora em tórno da profunda rainha das cavernas, a *Gruta do Maquiné*.



Pedra da Lagoinha. Parte esquerda da entrada, lado de dentro.

*
* *

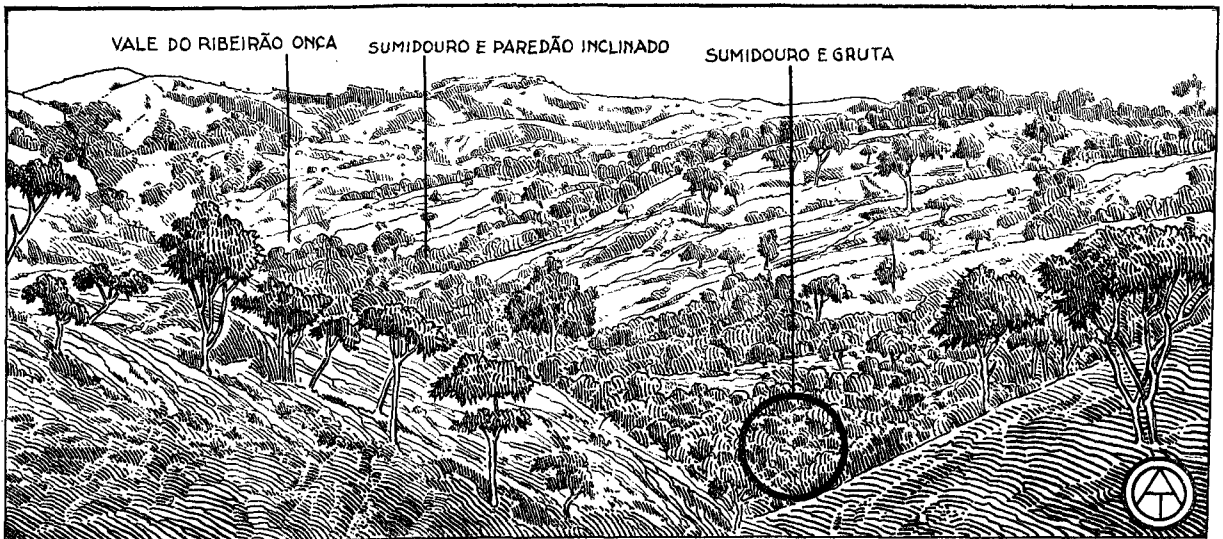
SUMIDOUROS ENCONTRADOS AO SUL DA VERTENTE CIRCULAR DA SUB-BACIA DA LAGOINHA

Ao sul da *Lagoinha* e distante desta 400 metros, desce um trilho em uma grota para os lados do *Ribeirão Onça*. Grupos de grandes pedras surgem à esquerda, interrompendo as linhas flutuantes das encostas escarpadas. À direita notamos um denso arvoredo entremeado de algu-

mas compridas línguas de campo. A bela silhueta do horizonte deixa entrever a interessante topografia da margem direita do *Ribeirão Onça*.

No fundo da grotta, talvez a 300 metros de distância, está um capão. Examinando certas particularidades do terreno com auxílio do binóculo parecia-me ser ali o lugar de um dos dois sumidouros de cuja existência havia sido informado, porém de forma pouco precisa.

Desenhei a paisagem a lapis. Descendo e medindo em seguida, vi que o tal capão revelava-se de fato "anormal", isto é, escondendo um sumidouro. A partir de certo ponto o álveo se eclipsava à direita, entrando no "funil" (que também recebe algumas grotinhas laterais), encontrando uma grande pedra em forma de paredão e desaparecendo tranquilamente em uma negra abertura.



Outro sumidouro, já próximo da planície do *Ribeirão Onça*, será o último a ser descrito. Todos os três sumidouros achados dentro de grotas durante os meus trabalhos de campo em redor da *Gruta do Maquiné* manifestam os seguintes característicos de identidade:

1. — Estão situados junto da base de paredões de pedra.
2. — Teem um ligeiro desvio do álveo em descida para o lado direito.

Todavia, o sumidouro mais próximo do *Sumidouro dos Morcegos* e ao sul dêste, acusa um desvio do álveo em descida para o lado esquerdo.

*
* *

SUMIDOURO, FORMANDO GRUTA

Este sumidouro, ao sul e já fora da sub-bacia da *Lagoinha*, está situado no fundo de um "funil" bem caracterizado, a cerca de 25 metros abaixo de seus bordos superiores e dentro de uma gruta. A boca aberta para N-O, tem 1,60 metros de altura por 5,60 de largura, sendo a parte superior formada de uma gigantesca pedra de cerca de 6 metros de espessura e em posição ligeiramente oblíqua. Acima desta laje, enterrada nas paredes ascendentes do funil, seguem grupos de pedra entre densa vegetação, subindo neste lado até atingir mais ou menos o bordo superior, onde se acha um pequeno paredão com terraço. As restantes paredes do funil são revestidas de alto capim e em certos lugares, já fazendo parte do capão, subindo pelas encostas ao norte e noroeste. As grotinhas nas imediações são pedregosas e secas.

Um grosso e negro cipó emerge da boca, lembrando uma serpente. Não tendo obtido senão uma vaga informação a respeito da existência e posição deste lugar, mas achado depois sem dificuldade, tentámos sem demora a descida, passando sobre pedras de todos os tamanhos e em caótica desordem espalhadas. O teto conservava-se sempre baixo. A luz exterior diminuiu rapidamente, mas os "gasômetros" dos camaradas já estavam acesos.

Com 13 metros de descida encontrámos uma largura de 12 metros com 2,40 de altura. Antes de atingir um estreitamento das paredes para uma largura de 6 metros, nota-se uma modesta cortina de estalactites, atravessando a largura do teto. A partir do estreitamento citado segue a segunda parte da caverna. Passando 17 metros pela parede à direita, chega-se a um nicho com vestígios de enchente: resíduos de lama ressequida aderindo folhas secas às paredes, fragmentos de ramos secos.

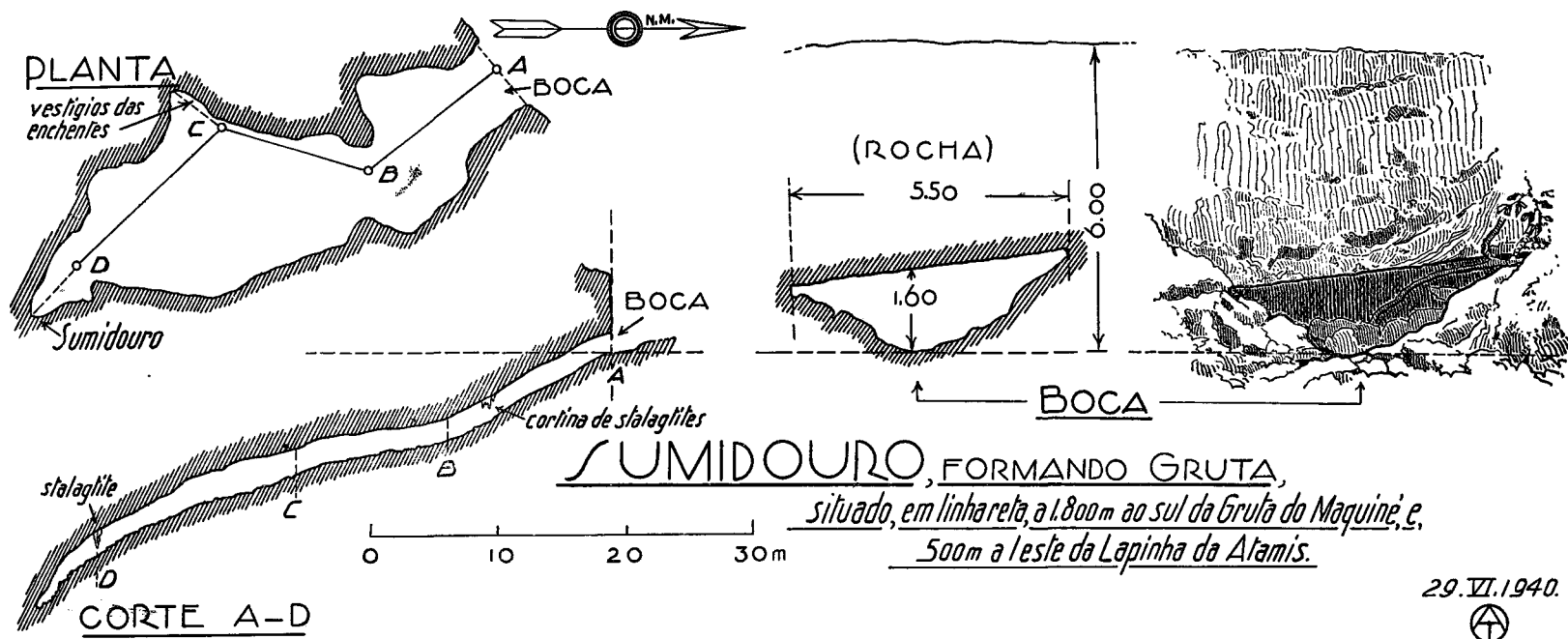
Estamos cerca de 10 metros abaixo da boca, e talvez outros 10 acima das últimas fendas reconhecíveis, ou ponto mais profundo do sumidouro onde acaba a caverna. Pouco acima daí, talvez a 4 metros uma grossa estalactite alcança quase o solo.

A natureza topográfica deste sumidouro é idêntica à do outro da *Lapinha da Atamis*, manifestando algum desvio para a direita do álveo da gruta descendente, tipo de funil circular em densa vegetação, distando 500 metros a leste da citada lapinha, em linha reta, e 1.800 metros da *Gruta do Maquiné*.

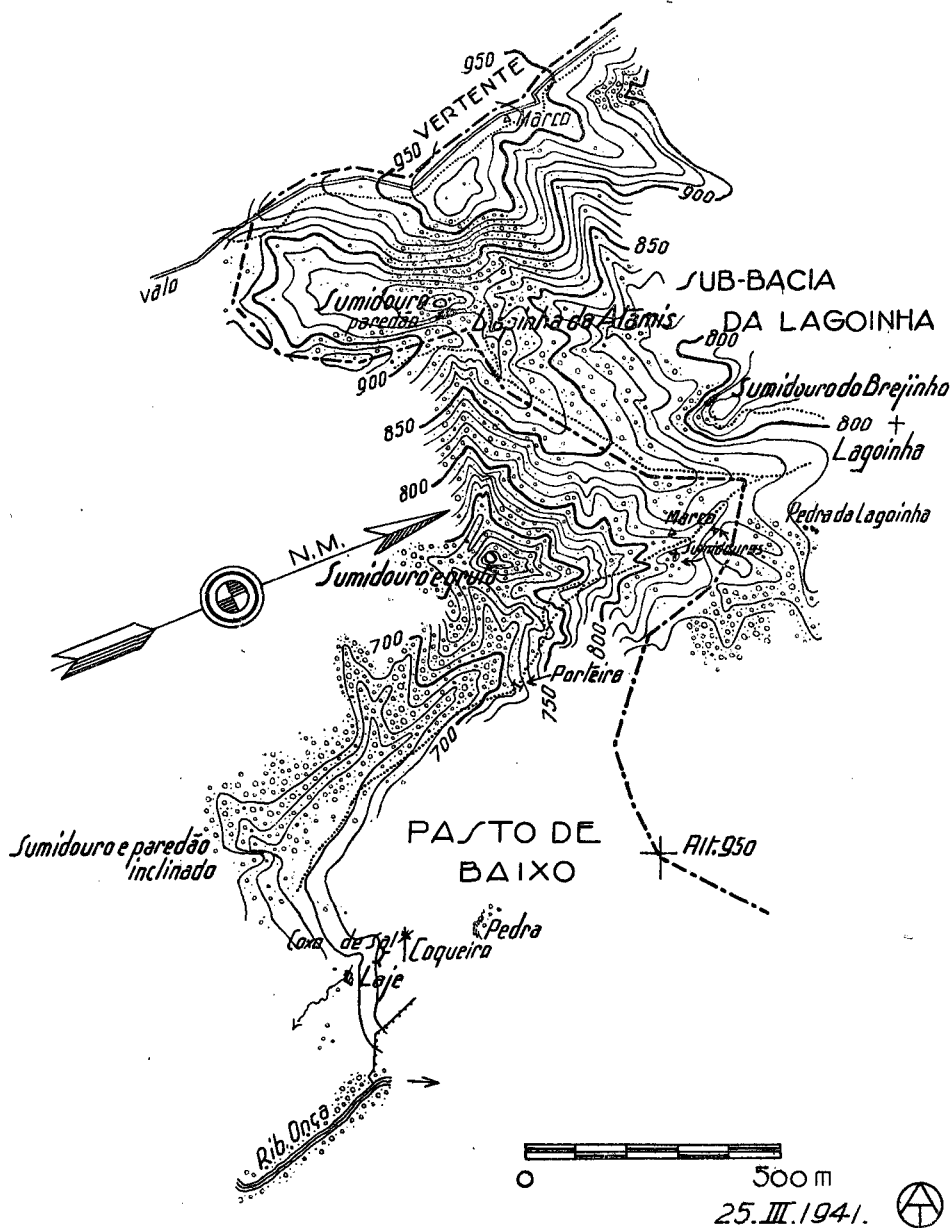
SUMIDOURO COM PAREDÃO INCLINADO NO PASTO DE BAIXO

Está situado na mesma gruta do sumidouro precedente, distante 740 metros mais em baixo e na junção de uma gruta lateral.

Deixando o sumidouro precedente e voltando ao trilho que desce pela margem esquerda do álveo da gruta, passámos entre algumas grandes árvores, encontrando a 200 e poucos metros de distância uma



velha porteira. Logo depois atravessámos uma grotinha sêca, lateral, reconhecível por dois rochedos, surgindo nas encostas íngremes a alguma altura sôbre a travessia. Seguindo cêrca de 350 metros pela grotamestre ainda estreita, cujo fundo é pedregoso, e alcançada a direita pelos capões que descem do lado oeste, sentimos a descida do trilho rústico tornar-se mais suave como também a proximidade do vale e das planícies do *Ribeirão Onça*.



Mas deve haver qualquer coisa ao lado direito em uma espécie de mancha ressequida do terreno, como que indicando uma grossa camada

de pedra e mudança suspeita do “talweg”. Visei um alto pé de “angico” para traçar uma linha auxiliar, partindo esta do caminhamento da gruta-mestre. Antes de chegar ao ponto visado o camarada da baliza já tinha descoberto a causa da minha suspeita, sentida à distância. A tal árvore estava sôbre o alto de um enorme paredão de 23 metros de altura por cerca de 80 de largura.

A não ser a minha desconfiança com as manhas topográficas da gruta, calmamente teria seguido para a esquerda e para os lados do *Ribeirão*, que não devia estar longe. Mais espaçosa agora, a gruta-mestre tinha ladeado velhacamente o enorme obstáculo, cujo abismo de modo algum era visível e havia confabulado (na linguagem ainda pouco conhecida das fendas calcáreo-subterrâneas) com uma gruta secundária da região, metendo-se em seguida por baixo do paredão. O nível superior dêste representa ainda hoje o álveo normal, e o abismo repentino uma depressão anormal (vêde gráfico).

Estávamos, pois, sôbre um sumidouro profundo mas facilmente acessível pelo lado do norte.

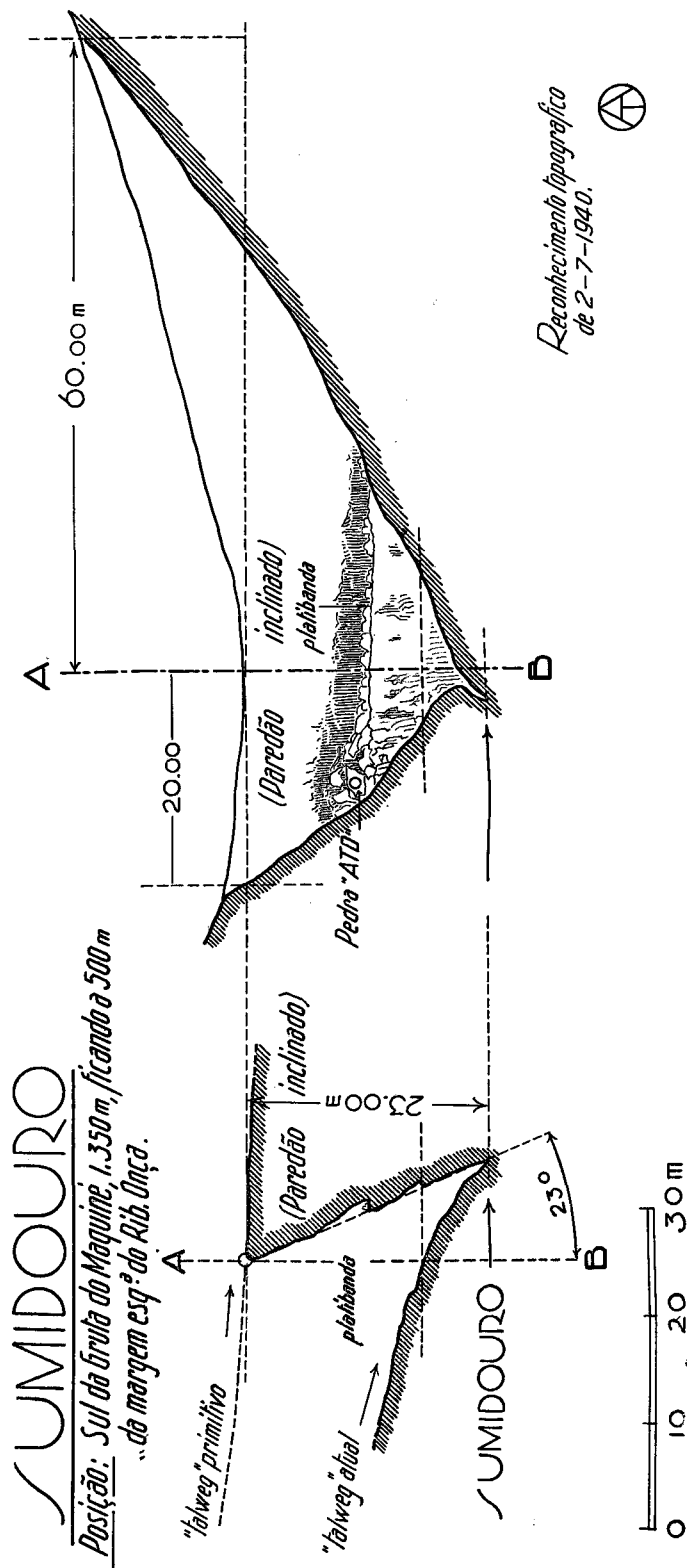
Situado a 2.350 metros da *Gruta do Maquiné*, ao sul, e a 500 metros em linha reta da margem esquerda do *Ribeirão Onça*, êste sumidouro tem, como já ficou dito, 23 metros de profundidade ao pé de um paredão de inclinação reentrante, isto é, subindo o paredão em sentido contrário à direção do álveo. A inclinação é de 23° e o lugar, em terreno de capoeira algo aprazível.

Descendo até o fundo do sumidouro, verifiquei uma estreita fenda de pedra, completamente sêca, de percurso oblíquo e já unida à base do paredão. Uma estreita platibanda de apenas um metro de largura, semeada de pedras, galhos secos enlameados e fragmentos vários, estende-se ao longo da grande parede arcada sôbre o fundo da gruta. Esta platibanda, por sua reentrância secundária e por seus fragmentos de madeira lá depositados na cavidade da própria parede, 11 metros acima do fundo do sumidouro, parece indicar o nível das grandes enchentes. O corte A-B da respectiva representação gráfica mostra a aglomeração de fragmentos do lado esquerdo da platibanda, como aglomeração muito mais acentuada. É êste o lado norte e lado da gruta-mestre descrita em página anterior. A aglomeração atrás parece indicar também o lugar da mais acentuada erosão sôbre a platibanda, provavelmente ocasionada pela convergência mais ou menos violenta das águas torrenciais de duas grotas ao mesmo tempo.

*

*

*



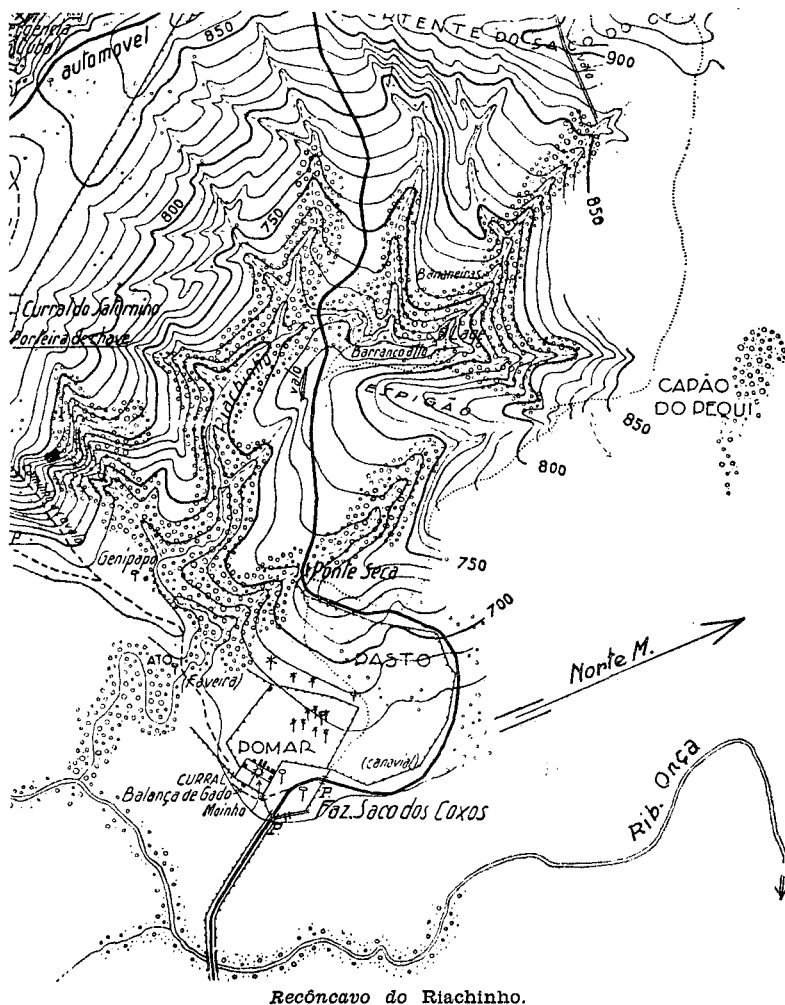
III

PARTE ESTE DA PLANTA GERAL DOS ARREDORES DA
GRUTA DE MAQUINÉ

Os reôncavos do Riachinho e dos Monjolos, respectivamente,
e separados pelo Espigão do Curral do Saturnino

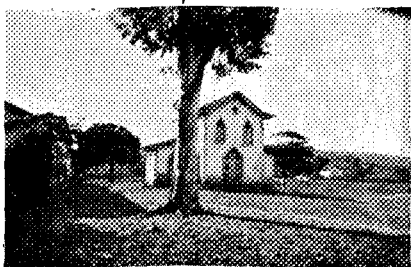
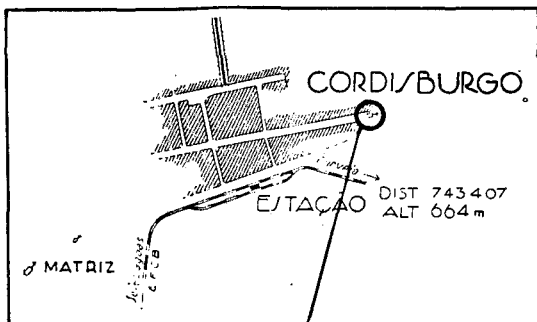
O PERCURSO DA ESTRADA DE AUTOMÓVEL ENTRE CORDISBURGO
E A GRUTA DO MAQUINÉ

A estrada de automóvel Cordisburgo — *Gruta do Maquiné* começa em um bambuzal da Rua São José, a partir de um longo corredor. Com 350 metros de percurso passa pela ponte bastante alta sôbre o *Ribeirão Onça*, cujos barrancos avermelhados e violados pelas enchentes se destacam vivamente das sombras escuras do arvoredado marginal e de algu-



mas nesgas claras da extensa planície, com suas pastagens e lavouras. Com outros 350 metros de percurso e depois de uma curva da estrada para a direita, chegámos à porteira da fazenda *Saco dos Cochos*. Passá-

mos, entre dois altos pés de "tapicurú" com grossos troncos, ficando à esquerda a casa da fazenda com seus vastos estábulos, moinho, balança de gado, banheiro carapaticida e seus bem conservados currais.



O mais antigo santuário de Cordisburgo.
— Junho de 1940



Capão acima do "meio-fio" e no caminho antigo entre o Curral do Saturnino e a atual estrada de automóvel para a Gruta do Maquine — Julho de 1940

Já quase ao pé das encostas da vertente, a estrada contorna, em grande semicírculo, uma pastagem que se estende atrás do pomar da fazenda, cujas centenas de árvores verde-escuras são pitorescamente excedidas pelos troncos esguios de altas palmeiras. Subindo sempre, atravessámos a extremidade inferior de um espigão que desce dos belos altos do *Capão do Pequi*. Estamos a cerca de 40 metros acima da fazenda e próximo do comprido capão do *Riachinho* (de 1.350 metros de extensão) com seus múltiplos ramos que entram em grotas e grotinhas secundárias.

Descendo pelo capão e passando por uma ponte seca, a estrada sobe novamente, saindo de uma estreita língua de mato. Em terras de campo com cerrado atingimos, à esquerda, um valo velho sôbre outro espigão mais em cima. É aqui o primeiro ponto de belo e vasto panorama. Mais uma vez a estrada desce, porém, só pela curta distância de 160 metros, passando a segunda vez pelo capão na travessia do

Riachinho, cujas águas turvas neste lugar não são convidativas. Tanto no espigão atrás, como na margem direita do *Riachinho* encontrámos trilhos para a “laje” dêste curso d’água. Nas imediações do “barranco alto” há vestígios de estrada abandonada debaixo de magnífico arvoredo.



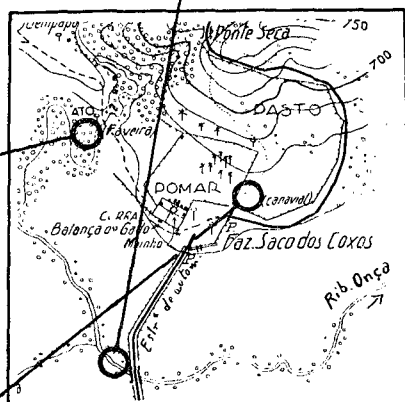
Cordisburgo — Bambuzal na Rua São José onde começa a atual estrada de automóvel para a Gruta do Maquiné — Junho de 1940



Aspecto do Rib. Onça, tirado sobre a ponte do mesmo, entre Cordisburgo e a Fazenda Saco dos Cochos — Junho de 1940



A “Faveira” árvore na margem direita do Riachinho e marcada pelo sinal “ATO”. Aqui passa o antigo caminho a cavalo para a Gruta do Maquiné (trecho da Fazenda Saco dos Cochos — Curral do Saturnino) — Junho de 1940



Pasto na Fazenda Saco dos Cochos. — Julho de 1940.



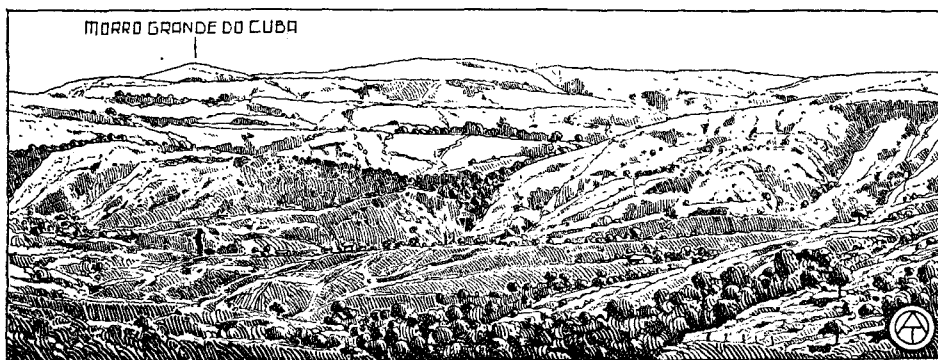
Travessia do Riachinho no percurso Cordisburgo — Gruta do Maquiné. — Julho de 1940.

Ao lado das “bananeiras” parece terem existido humilde casa e lavoura. É um dêsses recantos que falam, abandonados e esquecidos, e que às vêzes prendem a alma do viandante por inexplicáveis fios, ligando-o como que por encanto a tempos e episódios lá vividos, por gente desconhecida, aparecendo-nos como através de um véu sutilmente urdido...

Subindo agora pela alegre encosta entre duas línguas do capão, o comprido *Espigão do Curral do Saturnino* fica ao lado esquerdo. Atingimos a vertente entre Cordisburgo e a *Gruta do Maquiné* na porteira da estrada de carro para a fazenda *Saco do Mato*. Passando pelo alto da vertente do lado esquerdo, encontrámos um pouco adiante a porteira da comprida cêrca do *Curral do Saturnino*.

Estamos neste ponto na altitude de cêrca de 870 metros, ponto mais elevado do percurso da estrada, portanto a cêrca de 206 metros acima da estação de Cordisburgo (Alt. 664 metros) e a cêrca de 30 metros acima do curral citado. Desde as duas porteiras atrás, dois belos panoramas se oferecem: o do lado de Cordisburgo com sua vasta planície, sua casaria alegre, seu horizonte a leste com serras longínquas; e o do lado da extensa bacia do *Córrego Cuba*. Dêste lado avistamos, a 900 metros de distância, a fazenda *Saco do Mato*; mais adiante a do *Serafim*, o sítio de um agregado seguido por outro ao pé da *Cachoeira do Cuba* com seu denso arvoredado e por fim as grotas nos campos acima desta cachoeira. O horizonte é limitado pela própria vertente desta bacia, destacando-se o seu ponto mais elevado em forma de morro, porém pouco pronunciado.

A começar do ponto de altitude máxima da estrada, esta desce para o sul, separada ainda por uma distância de 650 metros (em linha reta) do limite extremo de um profundo reêncauo, aberto para N-O. É o reêncauo da *Gruta do Maquiné*. As descidas laterais à direita da estrada são muito fortes. Pelo contrário, ao lado esquerdo da estrada se estende um quase planalto, com terras de campo de cerrado bastante ralo e suavemente descendentes para o curral.



Vista panorâmica, tirada de um ponto do Alto do Sobrado. Aspecto parcial da bacia do *Córrego Cuba* a oeste da *Gruta do Maquiné*. Aparece no 1.º plano o capão que se estende até a imersão dêste córrego. Na parte central do desenho e no 2.º plano, está a cachoeira do Cuba, onde êste atinge a região mais profunda da bacia. Entre esta cachoeira e a linha do horizonte, a qual representa ao mesmo tempo o fundo da bacia, aparecem os campos da região alta da bacia. Notamos ainda, no lado esquerdo do desenho, o Morro Grande do Cuba, como sendo o ponto mais elevado da extensa vertente circular.

Chegámos ao ponto onde, para a esquerda, passa o antigo caminho a cavalo. Ao lado direito da estrada de automóvel notamos o belo exemplar de “pau de óleo” assinalado por “ATO”. Estamos nas imediações da altitude mínima da estrada em seu percurso sôbre a vertente, altitude que não passa de 845 metros. O antigo caminho a cavalo, já referido, contorna um pequeno capão, que precede as matas da grota do “meio-fio”,¹ em cuja acidentada parte inferior, e já no recôncavo dos *Monjolos*, reaparece o *Córrego Cuba*.

Subindo novamente, com cêrca de 400 metros de distância e 20 de diferença de nível, alcançámos a parte da vertente que separa a sub-bacia da *Lagoinha* do recôncavo da *Gruta do Maquiné*. Estamos sôbre um pequeno e isolado planalto. Notamos o tronco alvacentos de uma “barriguda” à esquerda e pouco adiante um “pau de óleo” à direita da estrada (1940). Este planalto não passa de 150 metros de largura média, com alguma subida ao lado direito (oeste), porém, limitado em ambos os lados por fortes descidas laterais e subtraídas à nossa vista neste trecho plano da estrada.

Atingimos agora a antiga bifurcação sôbre vertente, onde em um boqueirão pouco pronunciado, e ainda em Junho de 1940, um trilho à esquerda descia para a *Lagoinha*, enquanto o outro, hoje estrada de automóvel, descia para a *Gruta do Maquiné*. Embora descendo continuamente, não passámos da parte superior do recôncavo supracitado, com seu comprido capão em profunda grota. E talvez não suspeitássemos que já estávamos contornando os fundos extremos dos vastíssimos compartimentos subterrâneos do grande ramo S-O (Salões do Dr. LUND) nem que passaríamos daí a pouco, sôbre o “Castelo das Fadas”.

O ponto terminal da estrada está em um pequeno assento do terreno descendente do recôncavo, quase defronte da entrada da grota e em lugar bastante aprazível.

Notamos aquí que o percurso da estrada de automóvel deixa a bacia ou recôncavo do *Riachinho* no alto da vertente entre Cordisburgo e a *Gruta do Maquiné* e no ponto preciso onde a comprida cêrca de arame desce em linha reta em direção ao *Curral do Saturnino*, seguindo pelo espigão do mesmo nome.

Existem muitos recantos aprazíveis neste recôncavo, de acesso fácil de todos os lados. O trilho que a N-O da fazenda *Saco dos Cochos* parte da estrada de automóvel, sobe para os lados do *Capão do Pequí* e da fazenda *Lagoa de Pedra*, oferece vistas e panoramas magníficos. Facilita ao mesmo tempo uma ótima inspeção em todo o aprazível e interessante conjunto topográfico desta parte da região. Como todos os outros recôncavos ou bacias em nossa planta geral contidos, também o

¹ Trata-se de um lajedo de côr amarelada, no qual se destaca uma veia muito branca, estendendo-se em linha rigorosamente reta na extensão de cêrca de 20 metros e com a largura dos meios-fios usados nas cidades. Tem os bordos destacados e parece como que embutido no lajedo por um pedreiro-especialista em cantaria.

conjunto dos presentes recantos tão belamente distribuídos deixam saudades quando percorridos em direções várias e quando devidamente apreciadas as intimidades da paisagem e da topografia.

*
* *
*

O LUGAR ONDE REAPARECE O CÓRREGO CUBA

A longa galeria do lacrimal intermitente que faz parte da *Gruta do Salitre* talvez tenha, pelo menos parcialmente, alguma semelhança com o percurso subterrâneo do *Córrego Cuba*. O que sabemos positivamente é o seguinte:

1. — A distância entre o ponto de imersão definitiva e o reaparecimento das águas é de cerca de 950 metros.

2. — Existe uma vertente ou divisor de águas entre os dois pontos citados.

3. — A diferença do nível entre estes dois pontos é de cerca de 80 metros.

4. — Estes dois pontos opostos estão situados nos fundos extremos de dois recôncavos opostos, ambos notáveis por suas encostas acidentadas.

5. — Os eixos longitudinais dos dois recôncavos opostos convergem para o ponto de altitude mínima da vertente que separa estes recôncavos.

O lugar do reaparecimento das águas do *Córrego Cuba* é no meio de um capão que desce do “meio-fio” (distante 150 metros da vertente citada). A água emerge repentinamente e em toda plenitude entre grandes blocos de pedra, formando um pequeno açude de mais ou menos 12 metros de diâmetro. As águas, absolutamente imóveis e sem borbulho algum são de um leve azul-leitoso e em parte captadas para serventia na fazenda *Saco dos Cochós*. Estamos em um recanto um tanto melancólico e de muita sombra.

Atrás dos blocos de pedra sobe imediatamente uma estreita grota e densa mataria com outros blocos de maior dimensão ainda. Talvez a uns 15 metros acima do açude, encontrámos uma enorme “barriguda” cujo tronco cinzento-claro se destaca vivamente do fundo sombrio da bela grota, grota inteiramente seca, apesar de conter água intermitente a partir do “meio-fio” em seu percurso superior e no belo planalto descendente dêstes lados.

A “sobra das águas” do açude serpenteia em voltas caprichosas sobre um leito de cascalho, contornando grandes pedras debaixo de belíssimo arvoredor. É maravilhoso o murmúrio quase imperceptível das minúsculas ondas, cristalinas agora e brilhantes, destas águas reapare-

cidas, como que desejando revelar por intermédio de vivos reflexos e seu murmúrio discreto algo de seu percurso subterrâneo. É um deslizar raso, em extremo diáfano e delicado, singular mistura de pressuroso e solene, não em bosque encantado, mas simplesmente em um dos inúmeros recantos de nossa terra, dêsses recantos encontrados em toda parte, mas dos quais só rarissimamente sabemos extrair a preciosa essência.

A êste tão sereno e ao mesmo tempo ofuscante deslizar do *Córrego Cuba*, “morto e redivivo” seguem, sem transição alguma, imóveis poços sob a ramagem arcada de ambos os lados das margens pedregosas. E as águas, plácidas e de imobilidade hierática, retomam a côr misteriosa do açude.

Tendo depois passado em toda a extensão do *Pasto dos Monjolos*, e sempre na alternância atraente entre aspectos risonhos de um suave deslizar e de quietude contemplativa, o *Cuba* abandona mansamente os recantos bucólicos do recôncavo. Entra na vasta planície, ainda sempre margeado por seu arvoredor inseparável, mas deixando agora êsse caráter concentrado e íntimo do seu quase solene ressurgimento das entranhas da terra. Toma aspecto mais profano, adaptando-se ao ambiente novo. Pelos mesmos meandros sinuosos de seus irmãos da planície e do próprio *Ribeirão Onça*, com êste se reúne.

Sua barra está situada a 950 metros em linha reta do açude,² ao lado do nascente e cêrca de 200 metros acima da barra do *Riachinho*.

*
* *

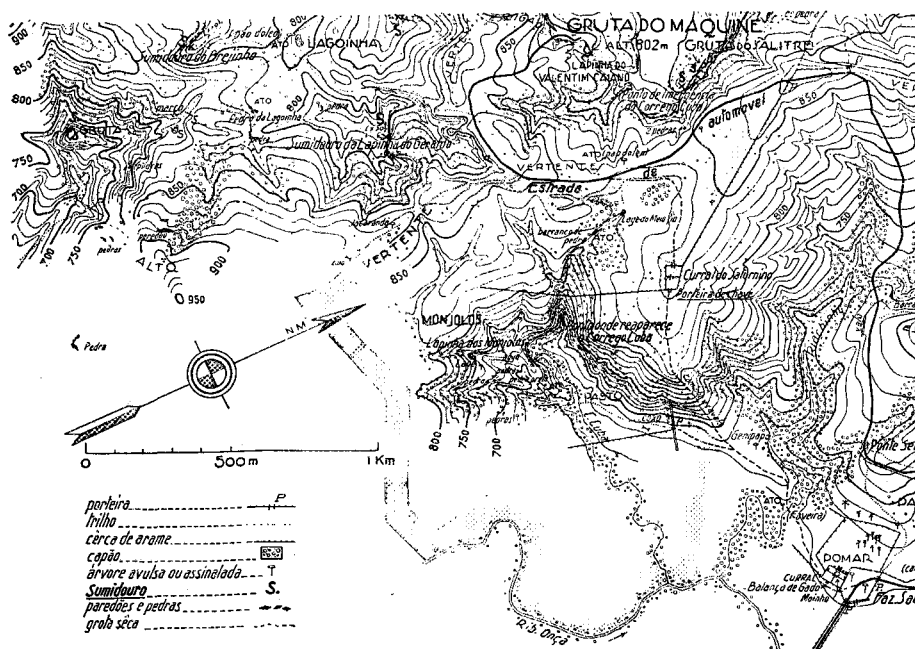
A LAPINHA DOS MONJOLOS

Êste pitoresco lugar está situado no recôncavo dos *Monjolos*, de encostas escarpadas em cujo fundo extremo reaparece o *Córrego Cuba*, após seu percurso subterrâneo de 950 metros. É notável por uma grande pedra de aspecto bizarro, quando vista de frente.

A gruta desta lapinha nasce na vertente circular da sub-bacia da *Lagoinha*, defronte do sumidouro da *Lapinha do Geraldo* sôbre o belo planalto em descida para a parte mais acidentada do recôncavo retro-citado. Existe um largo trilho que passa pelo *Pasto dos Monjolos*, rico em recantos bucólicos e por esta razão imprimindo a tão erma e silen-

² A título de curiosidade registramos aqui um fenômeno interessante, observado a poucos metros das grandes pedras entre as quais reaparece o *Córrego Cuba* e fixado em ligeiro esboço durante a minha segunda e última visita a êste lugar. Trata-se de um comprido ramo vivo de uma pequena árvore, denominado “sete casacos” pelo povo. Êste ramo furou de lado a lado o tronco de uma árvore maior e muito mais alta. Tanto o ponto de entrada no tronco como o ponto de saída do ramo pelo lado oposto mostram uma tumefação em nítido relêvo, circular, gerada durante o processo de cicatrização. Aparentemente inexplicável o curioso fenômeno, todavia nada tem de misterioso. É que a um palmo acima da pseudo-perfuração cicatrizada o tronco se bifurca ou lança um grosso galho para um lado, porém até hoje em ângulo bastante estreito, “apertado”. A perfuração marca o lugar inicial da bifurcação na qual o ramo comprido do “sete casacos” ficou preso. A bifurcação subiu com o crescimento da árvore mais alta, estreitando-se ainda mais até certa extensão superior, motivada por qualquer motivo desconhecido. As seivas das duas árvores de espécie diferentes misturavam-se, e formavam-se as duas cicatrizações na entrada e na saída do ramo comprido do “sete casacos”.

ciosa região um cunho todo particular. Já foi descrito em página anterior o caráter idílico e solene do “Cuba redivivo” que percorre a parte baixa do recôncavo. Passando para a margem direita dêste córrego encontramos uma linda campina, deparando-nos em seguida com algumas grotas secas, atulhadas de grandes quantidades de pedras de todo o tamanho. Parecem oferecer-se com insistência para aproveitamento em alguma graciosa capelinha de estilo alpestre ou para um agradável abrigo em favor dos futuros excursionistas. Em todo caso é singular esta enorme acumulação de material de construção, distribuído de modo tão natural quanto discreto e útil dentre os encantos impressionantes da solitária paragem, sob belo arvoredado.

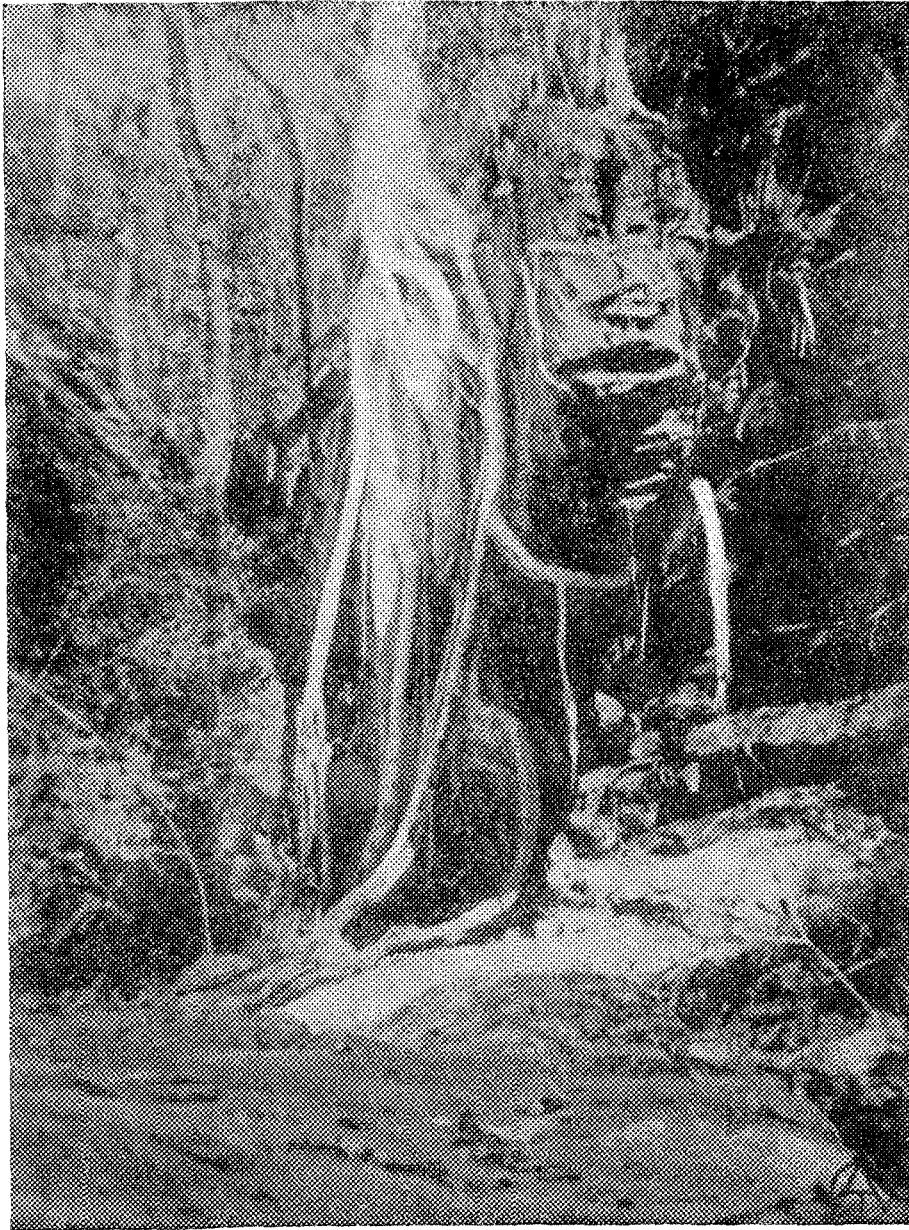


Recôncavo dos Monjolos.

A “lapinha” consiste em um pequeno trecho de uma grotta estreita, ao comêço da parte acidentada da encosta, com o fundo formado em parte por comprido lajedo e onde começam a subir, de ambos os lados, rochedos calcáreos.

Seguindo agora as indicações de nosso “croquis” a respeito, subimos por “talweg” do Lajedo (4) e deparámo-nos repentinamente com uma estranha figura de pedra abraçada pelas enormes raízes de uma gameleira, cujo tronco alvo brilha ao sol (3; vêde também a respectiva página inteira com reprodução fotográfica). A figura do “monstro de pedra” não passa de uma grossa e colossal laje desabada desde séculos do alto do paredão ao lado direito, e conservando até hoje a posição nitidamente vertical. É rachada de alto a baixo em sua parte posterior,³ medindo

³ Também esta parte posterior contém uma escultura espontânea: cabeça de homem de tipo gaulês antigo.

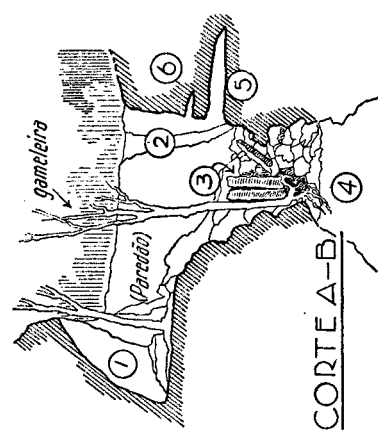


A Lapinha dos Monjolos. Este aspecto estranho representa um recorte feliz, colhido nas encostas rochosas em redor da Gruta do Maquiné. O olhar do "monstro de pedra" é dirigido para o lugar onde reaparece o córrego Cuba depois do seu percurso subterrâneo de 950 metros.

cêrca de 12 metros de comprimento por 6 de altura. Paralelo ao nível superior desta interessante laje e ao lado direito, existe a "lapinha" de insignificante altura e acompanhando as estratificações horizontais do paredão por uns 30 metros de extensão. A profundidade de reentrância látero-horizontal é de cêrca de 10 metros (5). Imediatamente sôbre a "lapinha" distinguimos uma estreita fenda horizontal, apresentando concreções calcáreas em forma de pequenas estalactites, parecidas a agudos dentes de pedra.

Posição: ao sudeste da Gruta do Maquine, 1.130m

LAPINHA DOS MONJOLOS



CORTE A-B



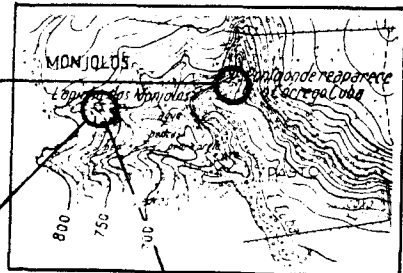
CORTE LONGITUDINAL

- ①_Nicho de pedra
- ②_canal da enchurrada
- ③_grande laje vertical rachada
- ④_laje do fundo da gruta
- ⑤_lapinha horizontal
- ⑥_fenda horizontal com concreções



8.7.1940

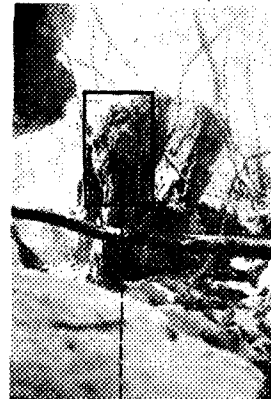
O paredão (6) tem mais ou menos 40 metros de extensão e se estende até um fundo vivamente cavado pelas águas torrenciais. É o canal que a estas águas dá passagem (2). Neste ponto o paredão dá uma volta e aproxima-se de uma gigantesca pedra arcada em forma de "docel" sobre um terraço elevado, dominando de modo pitoresco a atraente "lapinha". Algumas árvores de porte altivo contornam como sentinelas alertas este trono ciclópico sobre o silencioso monstro de pedra. É "trono", pois um ultra-sólido banco de rocha não falta ao terraço, colocado como que de propósito bem no canto extremo da volta interior da grande massa de rocha, formando o pesado docel de pedra por sua parte superior (1).



O lugar onde reaparece o Córrego Cuba entre grandes blocos de pedra no terço norte dos Monjolos — Julho de 1940



Lapinha dos Monjolos — Aspecto parcial da Grotta. O primeiro plano representa um assento no terreno e dentro da própria grotta separado entretanto por um profundo rasgo do paredão no segundo plano paredão fortemente estratificado e corroído pela ação das águas — Julho de 1940



Lapinha dos Monjolos — Aparece a parte posterior da enorme "laje vertical" rachada de alto a baixo — Julho de 1940

("Escultura-espontânea" do lado posterior)

Os lados da grande laje e o fundo da gruta até o canal de escoamento das águas pluviais contêm inúmeras pedras e fragmentos de toda sorte, espalhados em caótica desordem.

A cerca de cento e poucos metros distante da *Lapinha dos Monjolos* achámos, em uma gruta secundária, uma cacimba d'água, aliás, marcada em nossa planta geral dos arredores da *Gruta do Maquiné*, planta que indica todos os pontos onde o excursionista possa encontrar o precioso líquido durante os meses da seca anual.

Descobrí este notável recanto no último dia de minha permanência durante um mês de incessante trabalho de campo nos arredores da célebre gruta; mas não resistindo a um último adeus a todos esses saudosos recantos e, creio também, intensamente vividos, um adeus em um passeio solitário e retrospectivo, já sem a minha valorosa turma de três homens experimentados. Não dispondo mais da sólida trena de aço, as medidas do "croquis" da *Lapinha* são somente aproximadas. Entretanto a bússola e o aneróide entravam em devida ação também neste passeio simples. Dêste modo também este último recanto ficou acrescentado à planta geral.

Tendo tomado as anotações para o gráfico da lapinha na caderneta de campo, estive sentado por longo tempo no ciclópico banco natural sob o docel de pedra. Dia de sol sem nuvem alguma. Silêncio solene, interrompido por um cadenciado esvoaçar de grandes asas. Singular esse ruído, grave, sonoro e levemente silvando. Como que recebendo algo de inexplicável do espaço infinito, vibrante de luz.

Três gaviões circulavam em espirais majestosas a alta e solitária rocha sobre o imóvel monstro de pedra.

RESUMÉ

L'auteur décrit la partie SW de la région de la grotte de *Maquiné* et s'occupe, particulièrement, du sous-bassin de *Lagoinha* (petite lagune) qui forme un abreuvoir naturel pour les animaux, de la *Lapinha* (petite grotte) de *Atamis*, dont la description est accompagnée de dessins en projections horizontales, de coupes verticales et d'une intéressante documentation photographique.

Plusieurs gouffres sont décrits avec une grande richesse de détails, comme ceux du *Brejinho* (petit marécage), des *Morcegos* (chauves-souris) et de la *Lapinha do Geraldo* (petite grotte de Gérard).

L'auteur décrit ensuite les versants du sous-bassin de *Lagoinha* tournés vers le sud et cette description est accompagnée, comme d'habitude, d'une bonne documentation.

L'auteur s'occupe ensuite de la partie orientale de la grotte de *Maquiné* en décrivant les dépressions du *Riachinho* (petit ruisseau) et des *Monjolos* (dispositifs pour écraser les grains). et il termine ainsi, les observations détaillées faites dans le alentours de l'importante grotte calcaire dont l'intrêt, du point de vue spéléologique, est déjà bien connu, et dont l'importance est encore une fois démontrée dans ce curieux travail, de fond essentiellement topographique et descriptif.

RESUMEN

El autor describe la parte SW de la región de la caverna de Maquiné, tratando de la cuenca secundaria de Lagoinha adonde hay un bebedero natural para los animales, de la caverna chica de Atamis, cuya descripción es acompañada por dibujos en planta y en cortes y por interesantes fotos.

Varios sumideros son descriptos con toda la minucia, tales como el de Brejinho, el de Morcegos y el de Lapinha do Geraldo.

Pasa después a describir las pendientes de la cuenca secundaria de Lagoinha hacia el lado Sur con la harta documentación habitual.

En seguida trata de la parte al oriente de la caverna de Maquiné con las concavidades de Riachinho y de Monjolos, terminando así las observaciones detalladas al rededor de la importante caverna caliza cuyo interés bajo el punto de vista espeleológico ya por demás conocido, es aún más exaltado en este curioso trabajo, de carácter esencialmente topográfico y descriptivo.

RIASSUNTO

L'autore descrive la parte Sud-Ovest della regione della grotta di Maquiné, trattando del bacino secondario della Lagoinha, dove esiste un abbeveratoio naturale per il bestiame, e della Pietra dell'Atamis, la cui descrizione è accompagnata da disegni in pianta e in sezione e da interessanti fotografie.

Descrive minutamente i luoghi in cui il corso di vari fiumi diviene sotterraneo chiamati "sumidouro" do Brejinho, dos Morcegos, da Lapinha do Geraldo.

Descrive con larga documentazione, il versante meridionale del bacino secondario della Lagoinha.

Tratta in seguito della zona ad Est della grotta di Maquiné, con le valli del Riachinho e dei Monjolos, terminando così le particolareggiate osservazioni su quell'importante grotta calcarea, il cui interesse speleologico è posto in rilievo da questo interessante lavoro, che è principalmente di carattere topografico e descrittivo.

SUMMARY

The author presents a survey of the southwestern part of the region of Maquiné Cave, covering the Lagoinha sub-basin where there is a natural watering place for animals having source at the Lapinha do Atamis. The description is accompanied by chart and section drawings and by photos.

Several sink holes are minutely described, such as Brejinho, Morcegos and that of Lapinha do Geraldo.

He then describes the water-cheds from the Lagoinha sub-basin southwards, with his usual profuse documentary material.

Next he considers the eastern part of Maquiné Cave with its Riachinho and Monjolos reconcaves and comes to the end of his detailed description of the important calcareous cave. The already wide-spread speleological interest in the cave is raised further through this curious paper which is essentially topographical and descriptive in character.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser beschreibt den südlichen Teil der Höhle von Maquiné. Er erwähnt das unterirdische Wasserbecken der Lagoinha, an dem es eine natürliche Tränke für Tiere gibt, die Höhle von Atamis, deren Beschreibung von gezeichneten Karten, Querschnitten und interessanten Photographien begleitet ist.

Verschiedene Schluchten sind mit grösster Genauigkeit beschrieben, wie zum Beispiel die von Brejinho, Morcegos und die kleine Höhle von Geraldo.

Dann geht er dazu über, von den Abflüssen der Lagoinha nach Süden zu sprechen, mit gewohnheitsgemäss reichlichen Belögen.

Im Folgenden behandelt er den östlichen Teil der Höhle von Maquiné mit den Ausbuchtungen von Riachinho und Monjolos und so schliesst er seine in Einzelne gehenden Betrachtungen über diese wichtige Kalksteinhöhle, für die das Interesse vom Standpunkt des Höhlenforschers aus já schon allgemein war, das nun aber durch dieses eigenartige, von Grund auf topographische und schriftstellerische Werk noch bedeutend erhöht worden ist.

RESUMO

La aŭtoro priskribas la sudokcidentan parton de la regiono de l' groto de Maquiné, pritraktante pri la subbaseno de Lagoinha, kie estas natura trinkejo por la bestoj, pri la groteto de Atamis, kies priskribo estas akompanata de desegnaĵoj konsistantaj el plano kaj sekcoj kaj de interesaj fotografaĵoj.

Diversaj akvoturniĝoj estas detale priskribataj, nome tiu de Brejinho (*Marçeto*), tiu de la Vespertoj kaj tiu de la Groteto de Geraldo.

Poste li priskribas la deklivojn de la subbaseno de Lagoinha, kiuj sin direktas al la suda parto, aldonante abundan dokumentaron.

Sekve li pritraktas pri la orienta parto de la groto de Maquiné kun la ĉirkaŭaĵoj de la riveretoj Riachinho kaj Monjolos, tiel finante la detalajn observojn pri la grava kalkeca groto, kies intereso laŭ la jam tro konata speleologia vidpunkto, estas ankoraŭ pli laŭdata en tiu ĉi kurioza verko, je esence topografia kaj priskriba fundo.